

A busca pelos livros perdidos do Egito

O historiador Khaled Fahmy descreve como livros egípcios históricos são mais facilmente encontrados no Ocidente do que em livrarias egípcias e como um livro escolar sobre a história do Oriente Médio foi banido de entrar no país.



Nas últimas semanas dois incidentes me fizeram ficar com muita pena sobre a situação dos livros, da leitura e da cultura no Egito. O primeiro aconteceu em Nova York e requer um pouco de background para ser entendido.

Há alguns anos estou trabalhando em um livro que aborda a história cultural e social do Egito durante o século 19. O livro inclui dois capítulos da história da medicina. O primeiro é sobre a escola de medicina Kasr Al-Aini e o hospital público fundado em 1827; o segundo fala sobre a história geral da saúde pública no país.

Uma das questões centrais que eu coloco nesses dois capítulos é sobre como a sociedade egípcia percebia a medicina moderna. Foquei-me especialmente em procedimentos que, à primeira vista,

podem ser vistos como ofensivos às crenças religiosas e às tradições sociais, tais como dissecação, vacinação e exames pós-morte, especialmente em corpos de mulheres.

Para responder a essas questões, eu passei anos conduzindo uma pesquisa nos Arquivos Nacionais do Egito. Lá recuperei documentos originais fascinantes que lançaram luz sobre a reação dos egípcios sobre tais práticas como vacina contra a varíola, hospitais modernos, clínicas do governo e medidas sofisticadas de coleta de estatísticas. O que tive problemas para encontrar foi a opinião dos médicos sobre essas práticas.

É bem sabido que a primeira leva de alunos que entraram para a Escola de Medicina de Kasr Al-Aini já tinha estudado em Al-Azhar e, portanto, tinha um conhecimento razoável das leis da sharia e dos fiqh (dogmas). Eu estava ansioso por entender o que eles achavam da medicina moderna que estavam aprendendo na nova escola.

Nos Arquivos Nacionais do Egito, encontrei ricas informações sobre os pacientes que frequentavam o Kasr Al Aini, mas paradoxalmente não encontrei muita coisa sobre os professores e médicos do hospital. Decidi, então, me mudar para o edifício adjacente, a Biblioteca Nacional, para buscar livros que esses médicos poderiam ter publicado.

Lá recebi a ajuda de pesquisadores como Aisa Nosseir, que compilou as bibliografias dos primeiros livros publicados pela famosa Boulaq Press, a mais antiga editora do Egito. Surpreendentemente, cerca de um terço das publicações da Boulaq nos seus primeiros trinta anos de existência eram livros de medicina.

A maioria desses livros de medicina eram traduzidos para o árabe a partir do francês pelos primeiros alunos de Kasr Al-Aini – os mesmos que anos antes haviam estudado em Al-Azhar. Algumas das obras não eram traduções, mas livros originalmente escritos em árabe. Tendo feito a compilação de 30 desses livros, estava ansioso por finalmente sentar para lê-los na Biblioteca Nacional. Minhas esperanças foram arruinadas, já que a biblioteca é uma verdadeira bagunça, para dizer o mínimo. Não há serviços de assistência aos leitores, os catálogos estão feitos para confundir os leitores, e os funcionários ficam ofendidos se você pede ajuda.

Só consegui achar alguns dos livros que estava procurando. A maioria dos títulos que eu esperava consultar simplesmente não estava lá. Quando pedi aos “bibliotecários” (me sinto obrigado a usar essas aspas para não ofender essa profissão tão venerável), recebi olhares perplexos de pessoas que não conseguiam entender por que uma pessoa aparentemente sã estaria interessada em consultar livros de medicina tão antigos. Eles me disseram que o livro estava em restauração ou perdido em alguma estante. Perdi toda esperança de encontrar esses livros na Biblioteca Nacional e me satisfiz com as jóias de arquivo não-publicado que encontrei nos Arquivos Nacionais.

Então, para minha surpresa, cruzei por esses livros em Nova York. Duas semanas atrás, fui à Biblioteca Bobst, na Universidade de Nova York, para checar algumas citações. Como sabe todo

mundo que já esteve na Bobst, Philip Johnson aparentemente desenhou o prédio para provocar vertigem. Durante anos que trabalhei na Bobst, eu evitava a experiência penosa de olhar para baixo no vão. Preferia descer direto para o porão. Lá, para minha extrema alegria, descobri que a Bobst possui 89 dos primeiros livros de medicina em microfichas.

Sabendo que estes livros incríveis estavam faltando Biblioteca Nacional do Egito, fiquei intrigado para descobrir como uma cópia em microfichas deles foi parar em uma pequena biblioteca universitária de Nova York.

Uma anotação pequena na cabeça de cada ficha me deu uma pista. Os originais em papel a partir do qual estas fichas foram copiadas foram alojadas na biblioteca da Universidade de Londres, especificamente a de SAOS, a School of Oriental and African Studies. Uma pergunta permanece: por que a Universidade de Londres estaria interessada em adquirir livros de medicina árabes do século 19 que haviam sido traduzidos do francês?

O enredo engrossou. A coleção de fichas foi além da medicina para incluir uma tradução em árabe de um manual italiano sobre como tingir a seda, o primeiro livro publicado em Boulaq (1823). O último livro da coleção era um livro sobre matemática publicado em 1850.

Por que a biblioteca da Universidade de Londres estaria interessada em adquirir esta coleção eclética de publicações Boulaq? E se eles estavam interessados ??em preservar as primeiras publicações desta imprensa pioneira, algo que a Biblioteca Nacional do Egito, aparentemente, não estava tão interessada em fazer, por que parar de adquirir esses livros em 1850, apesar do fato de que Boulaq ainda estar em operação?

Eu tinha um palpite de que a resposta a esta pergunta estaria em um evento que teve lugar no ano seguinte, durante a inauguração da Exposição do Palácio de Cristal, de 1851, em Hyde Park, Londres. Como é sabido, este foi o primeiro de uma série de exposições de feiras do mundo que posteriormente foram realizadas em cidades como Paris, Chicago e Viena. A Exposição de Londres 1851, além de ser a primeira dessas feiras impressionantes, foi especificamente concebida para celebrar a indústria e a tecnologia. Organizado pelo príncipe Albert, consorte da Rainha Vitória, tinha a intenção de refletir a nova crença que a indústria e tecnologia tinham as respostas para todos os sonhos da humanidade. O Palácio de Cristal enorme de ferro e vidro foi construído para demonstrar o triunfo do homem sobre a natureza.

Menos conhecido, talvez, seja o fato de que o Egito participou dessa exposição e o pavilhão egípcio era maior do que o da Turquia, mesmo levando em conta que tecnicamente e legalmente o Egito era apenas uma pequena província do Império Otomano.

Navegando através do catálogo da exposição, digitalizados e disponíveis online graças ao Google, encontrei uma descrição detalhada dos artefatos enviados do Egito, uma lista que mostrava o nível da ciência e da tecnologia que o Egito havia alcançado naquele tempo. Entre as 391 peças

em exposição estavam um arado egípcio, água de Rosetta, uma tubulação de água e açúcar refinado de refinarias Ibrahim Pasha. Em meio a essa lista incrível de exposições está o número do item 248: “Cento e sessenta e cinco volumes de obras em turco, árabe e persa, publicado no Boulac”.

Isso deve ser assim que esses livros fizeram o seu caminho para a Universidade de Biblioteca de Londres. Quando a delegação chefiada pelo capitão egípcio Abdel Hamid voltou ao Egito, eles devem ter deixado para trás esses livros, que foram então provavelmente doados para a Universidade.

O que achei mais incrível nesta história é que, já em 1851, quando as autoridades egípcias decidiram juntar-se a Grande Exposição, elas consideraram 165 livros publicados na Boulaq dignos de serem incluídos na feira. Olhando a natureza muito humilde dos outros artefatos, esses livros provavelmente ocupavam um lugar de destaque no pavilhão egípcio.

Certamente havia algo para se gabar. Esta coleção de modernos livros médicos, traduzidos para o árabe apenas alguns anos depois de terem sido publicados em francês, mostrou uma consciência do estado-da-arte da literatura médica, bem como a capacidade de produzir livros elegantes em papel fino e encadernação em couro impressionante.

Quando se investiga esses livros, como eu fiz para a minha alegria total no porão da Bobst, encontra-se outra fonte de espanto. Por um lado, as apresentações rimadas escritas por editores e tradutores árabes mostrou uma consciência da grandeza da tradição árabe-islâmica medieval médica. Ao mesmo tempo, mostrou um extremo conforto em construir mais coisas ao traduzir a literatura médica moderna. Pode-se facilmente ver o profundo sentimento de auto-confiança e orgulho nas realizações da Escola de Medicina Kasr al-Aini e da Gráfica Boulaq. Este enorme projeto de publicação não era para “recuperar o atraso com o Ocidente”, como estamos acostumados a dizer hoje em dia, mas para ressuscitar uma arte que prosperava no Egito, mas que pereceu desde então.

Após dias monitorando a história desses livros e muitos outros lendo-os, um desânimo profundo abateu-se sobre mim. Lá estava eu, sentado em uma biblioteca em Nova York, lendo livros de medicina que tinham sido impressos no Cairo mas que eu não consegui encontrar em casa. A biblioteca da Universidade de Londres serviu o seu propósito como uma instituição de ensino por microfichar esses livros e torná-los disponíveis a um maior número de leitores. Enquanto isso, as nossas bibliotecas ainda estão contaminadas por uma filosofia de esconder conhecimento no melhor dos casos e de perder livros no pior dos casos, incluindo os que são considerados publicações raras.

Então me peguei lidando com o segundo incidente sobre o qual me referia no começo deste artigo. Mais ou menos na mesma época em que encontrei esses livros raros, fui informado que um livro que eu havia pedido para usar em um de meus cursos na Universidade Americana do Cairo

(AUC) havia sido banido pelo Office of Censoring Publications, o órgão responsável pela censura no Egito.

O livro em questão, [Uma História do Oriente Médio Moderno](#), escrito por William Cleveland e Martin Bunton, é considerado um dos melhores livros no assunto e tem sido usado inúmeras vezes na AUC. Quando fui investigar mais sobre isso, o Departamento de Censura às Publicações (sim, o Egito pós-revolucionário ainda tem um departamento com esse nome) fez objeção a vários mapas que estavam no livro e que colocavam as cidades de Halayeb e Sahlateen no outro lado da fronteira entre Egito e Sudão. O Departamento ainda fez graça e propôs que os livros fossem corrigidos a mão para serem novamente liberados.

Pensando sobre estes dois incidentes, não pude deixar de comparar as condições em 1851 e em 2012. Durante meados do século 19, éramos verdadeiramente uma nação civilizada. Nós nos aproximávamos da ciência com um espírito de livre investigação, não parando duas vezes para pensar sobre a sua proveniência e não nos preocupando com as questões de autenticidade, identidade nacional ou a segurança nacional. Por outro lado, depois que nossas universidades e bibliotecas falharam até mesmo em preservar os livros que haviam traduzido e publicado, e depois de desperdiçar nossas conquistas científicas, somos forçados a procurar nossas próprias produções científicas no exterior.

Então, para adicionar insulto à injúria, entregamos a responsabilidade de proteger a segurança nacional para funcionários de uma autoridade que tem a audácia de se chamar Departamento de Censura às Publicações e que comprova através de sua mediocridade uma ignorância completa sobre conhecimento, ciência e pesquisa acadêmica.

Meu desânimo, ou melhor, minha fúria, não decorre do dano que se abateu sobre a liberdade de expressão e liberdade acadêmica graças aos responsáveis ?pela nossa segurança nacional. Eu também estou preocupado com a nossa segurança nacional. Minha indignação surge a partir de uma profunda convicção de que a segurança nacional não se consegue proibindo livros. Pelo contrário: ela é alcançada pela disseminação deles.

[Khaled Fahmy](#) é professor do departamento de história da Universidade Americana do Cairo. Este artigo foi originalmente publicado no [Literature News](#) em árabe e no [Ahram Online](#) em inglês. Está reproduzido aqui com a permissão do autor.

Publicado em: Setembro 10, 2012